



ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONCEITOS E DIFERENÇAS

Paulina Gessika Ferreira da Silva ¹
Maria Raiana Barbosa dos Santos ²

RESUMO

O presente artigo de caráter bibliográfico tem por objetivo refletir sobre a alfabetização e o letramento, assim como, seus conceitos, e as diferenças entre eles. Como também mostrar que mesmo sendo processos diferentes, eles devem ser trabalhados juntos, pois, um complementa o outro. Dessa maneira, a proposta desse estudo nasce da inquietação de saber as diferenças existentes entre os processos, e como eles podem contribuir para a melhoria da educação. Consideramos importante apontarmos os conceitos e diferenças entre letramento e alfabetização, no intuito de entendermos sua relevância na formação do educador, tendo em vista que é essencial desde sua entrada em curso universitário e depois no ingresso na formação continuada se apropriar das teorias presentes na construção dos conceitos de Alfabetização e Letramento.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, Educação.

INTRODUÇÃO

A alfabetização e o letramento são duas portas de entrada para o mundo da leitura e da escrita, mesmo sendo processos distintos, eles são indissociáveis. Portanto, é necessário trabalhá-los concomitantemente.

Entendemos por alfabetização a ação de ler e escrever, já o letramento é a utilização desta tecnologia em práticas sociais de leitura e de escrita. Segundo Soares (2003), não adianta aprender uma técnica e não saber usá-la. Assim, devemos ensinar a técnica, mas também envolvê-las nas práticas sociais de leitura e escrita.

A alfabetização no século XIX passou a ter uma característica fortemente marcada na sua prática em sala de aula envolvendo a padronização do ato de ler e escrever, isto porque se baseava na codificação e decodificação de textos ou palavras, integrada a métodos específicos, a exemplo do método sintético e analítico, que sistematizava o desenvolvimento da leitura e escrita (ALBUQUERQUE, 2007, p. 11),

¹ Graduanda do Curso de **Pedagogia** da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, paulinagessika2011@hotmail.com;

² Graduanda do Curso de **Pedagogia** da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, raianasantosagora2012@gmail.com;



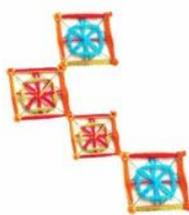
assim sendo as práticas escolares neste período considerava a alfabetização um conjunto de regras compensatórias para construir habilidades e competências em torno da aprendizagem, apenas dos códigos escritos.

Sabemos que muitas crianças são alfabetizadas, contudo não compreendem o que leem, tornando-se analfabetas funcionais, desarticulando a função social que a leitura e escrita desempenha numa sociedade, surge então no Brasil, a partir de 1990 o termo letramento, justamente não funcionando como método ou habilidade de alfabetização, mas passando a exercer uma dimensão mais heterogênea das facetas que o circundam tanto no contexto escolar, familiar e social.

A alfabetização e o letramento são conceitos distintos, porém se integram para ascender o processo de aprendizagem da criança ou adulto de forma mais ampla, em que alfabetizar letrando significa decodificar e codificar a língua escrita, mas introduzir a compreensão real da palavra no contexto social. O presente trabalho tem por objetivo instigar a discussão teórica sobre essas duas vertentes “Alfabetização e Letramento”, trazendo no bojo das reflexões algumas considerações, a partir do delineamento do processo histórico que circunda essas duas expressões. O estudo é norteado pelos aportes teóricos, como Albuquerque (2007); Kleiman (2005) e Soares (2003), (2018)

Portanto, é cada vez mais necessário tanto saber ler e escrever, quanto saber seus usos. Pois, eles surgem em contextos diferentes, como por exemplo: ler uma bula de um remédio não é a mesma coisa que ler uma carta, como também ler um jornal, não tem o mesmo significado que a leitura de um artigo científico. Diante disso, o estudo proposto busca abordar a alfabetização e o letramento, assim como, seus conceitos, e as diferenças entre eles.

Afinal o que é a alfabetização? E o letramento? O que dizem esses estudiosos ao se trabalhar a questão do sucesso escolar atribuído a estas práticas como efeito do desenvolvimento dos aspectos linguísticos, cognitivos, culturais e sociais das crianças no processo de aquisição da leitura e escrita, nesta condição demarcar algumas considerações acerca desses conceitos irá contribuir para repensarmos o quanto se torna imprescindível a formação do educador, enquanto agente ativo em potencializar uma educação não pautada nos métodos de alfabetização e letramento, mas que proporcione a autonomia dos alunos/as frente as demandas existentes na sociedade.



METODOLOGIA

O processo de construção do trabalho científico segue o modelo de pesquisa bibliográfica, tendo em vista no seu objetivo um estudo teórico sobre as concepções apresentadas pelas autoras em suas obras, sendo assim “A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.” (SEVERINO, 2007, p. 122), desta forma a interpretação é uma ferramenta de execução desta análise reflexiva tendo o pesquisador o seu objeto de estudo os temas oriundos de textos já publicados por outros/outras autores/as cientistas.

Este modelo de investigação científica é mais acessível, pois está presente nos mais variados acervos digitais e impressos que circulam no ambiente virtual e físico, no caso das bibliotecas.

Outro aspecto fundamental a destacar é sistematização histórica dos dados encontrados, porque esta categoria de análise nos permite fazer um estudo teórico relacionado aos contextos históricos que circundam a temática abordada, neste caso “A pesquisa bibliográfica é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados, se não com base em dados bibliográficos” (GIL, 2002, p. 45), neste caso procurando descrever os fenômenos que ocorrem no contexto social por parte de marcos históricos imprescindíveis que regem a vida na sociedade civil.

Sabemos das transformações percorridas ao longo dos anos que acompanha a história da humanidade, então trabalhar a modalidade de coleta de dados no campo teórico “é uma maneira de revelar como as pessoas universalizam, através de suas vidas e de suas ações, a época histórica em que vivem” (GOLDENBERG, 2004, p. 43), nesta direção as ideias acrescidas no corpo desta pesquisa faz referência a um olhar mais aguçado e examinador, por parte de quem adota um caminho criterioso formal ao mergulhar especificamente nas obras endereçadas ao assunto em questão.

REFERENCIAL TEÓRICO



A alfabetização e o letramento são conceitos distintos, porém se integram para ascender o processo de aprendizagem da criança ou adulto de forma mais ampla, em que alfabetizar letrando significa decodificar e codificar a língua escrita, mas introduzir a compreensão real da palavra no contexto social. O presente trabalho tem por objetivo instigar a discussão teórica sobre essas duas vertentes “Alfabetização e Letramento”, trazendo no bojo das reflexões algumas considerações, a partir do delineamento desses dois conceitos e suas diversidades.

Com base nos autores estudados é possível perceber que o conceito mais utilizado para definir o que é alfabetização é que se trata de um processo da aprendizagem inicial da leitura e escrita, ou seja, alfabetizada é quem é capaz de ler e escrever, ou, domina as habilidades básicas do uso da leitura e escrita.

De acordo com Albuquerque (2007) “A alfabetização considerada como o ensino das habilidades de ‘codificação’ e ‘decodificação’ foi transposta para a sala de aula, no final do século XIX, mediante a criação de diferentes métodos de alfabetização [...]”.

Nas últimas décadas do século XIX, a questão dos métodos não era primordial, pois, compreendia-se que aprender a ler e escrever consistia na decodificação e codificação, ou seja, na assimilação de consoantes e vogais, mais conhecido como método da soletração, desprezando a intersecção som/grafema.

O estudo inicial da língua escrita, na possibilidade de uma prática pedagógica alterou-se entre as décadas do século XX. Do método da soletração para os métodos fônicos e silábicos que, se apresentam pelo nome se sintéticos, neste sentido o princípio característico dele era a leitura (pronúncia das letras, sílabas, palavras); logo após surge o método da palavração (analítico), no Brasil mais identificado pela cartilha maternal João de Deus, nos anos 1880.

A intencionalidade tanto dos métodos sintéticos quanto analíticos é a “aprendizagem, do sistema alfabético-ortográfico da escrita” (SOARES, 2018, p.19), assim o método analítico se articula ao analisar primeiro o texto, depois, frases, palavras e por fim sílabas e letras. As duas formas caminham no domínio do código escrito um



alimenta o direcionamento na percepção auditiva (sintético) e o outro na visual (analítico), no propósito que a criança construa habilidades de uso da leitura e escrita, desta maneira os dois interagem na condição de que, a aprendizagem do sistema de escrita demanda um conjunto de saberes adequados com a intenção de apreender-se a uma tecnologia da escrita.

A modificação de paradigmas e da geração de métodos tem configurado o fracasso no desenvolvimento da língua escrita, Magda Soares afirma que a resolução do fracasso em meados da década de 1980 estava centralizado no método, uns dos vestígios foram a evasão, repetência e reprovação. Prosseguia a mudança de um método para outro, porventura a questão dos métodos e a luta pelo combate ao fracasso na alfabetização contribui na reflexão que, esse episódio ia além de uma metodologia, avançando ao âmbito social.

Mesmo com a introdução do construtivismo o fracasso perdurava, principalmente no início do século XXI o fracasso estaria relacionado às avaliações internas as escolas, no entanto o mesmo só é homologado por diagnósticos externos à escola, não se centraliza só nas series iniciais, mas ao longo do ensino fundamental, a exemplo neste ciclo estava a precariedade do conhecimento da língua escrita.

Nos anos 1980 a leitura antecipava o ensino da língua escrita, neste quesito a produção do escrito era tratado como processo natural, neste caso uma consequência do ato de ler, urge o dilema sobre o objeto da alfabetização, ora ensina-se a escrever ou a ler, é a questão, por sua vez o construtivismo surge enfatizando o protagonismo da escrita inventiva ou criativa realizada pela criança o que, contempla a escrita de gêneros textuais distintos.

O nascedouro do letramento abastece o princípio da leitura e escrita representar uma prática social, na qual crianças se insiram para representar sua cultura. Portanto a aprendizagem inicial da língua escrita deve percorrer três eixos: a escrita cópia (alfabetização); a inventiva (construtivismo) e a cultura do escrito (letramento), desta maneira não se trata da questão de um método, mas dos métodos, possibilidades para desconstrução da alfabetização, apenas atribuída ao seu viés da decodificação e codificação.



A partir do ano de 1984 com os estudos realizados por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, foi verificado um novo sistema, que conhecemos como sistema alfabético, nesse sistema é constatado que, “é interagindo com a língua escrita através de seus usos e funções que essa aprendizagem ocorreria, e não a partir da leitura de textos ‘forjados’ como os presentes nas ‘cartilhas tradicionais’.” (ALBUQUERQUE, 2007, p.16)

Porém, atualmente ainda é muito comum o uso das práticas pedagógicas tradicionais que tem como base o uso metodológico de cartilhas e do bê a bá, então, torna-se necessário que os professores ao escolherem o método de alfabetização, optem por aquele que mostre a importância de ler e escrever, e que esteja dentro de um contexto vivenciado pelos alunos.

Desde o ano de 1990 o conceito de alfabetização passou a ser utilizado ligado ao letramento, que de acordo com Soares (2003) letramento proveio da palavra *literacy* da língua inglesa, *literacy* deriva do latim *littera* que quer dizer letra, o sufixo *cy* denota qualidade, condição, estado, fato de ser. Portanto, *literacy* é a condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever. Nessa perspectiva, letramento é estado ou a condição daquele que se apropriou do uso da leitura e da escrita.

A alfabetização e o letramento estão ligados entre si, porém, algumas pessoas podem não ser totalmente alfabetizadas, ou, ainda não está nesses dois processos simultaneamente, ou seja,

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 2003, p. 40).

Desse modo, apenas saber codificar e decodificar a língua escrita não é suficiente para responder às demandas do meio social. É necessário, pois, que o indivíduo seja letrado, ou seja, autônomo quando se refere ao uso da leitura e escrita em diferentes contextos. Dessa forma, percebemos que ser alfabetizado não é o mesmo que ser letrado, e ser letrado não é o mesmo que ser alfabetizado.

De acordo com Soares (2003, p. 47), “o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo



que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado”. Isto é, criar situações em que o aluno se aproprie do código escrito, utilizando materiais presentes na sociedade, tornando a aprendizagem das práticas de leitura e de escrita mais significativas.

Assim, podemos perceber que as práticas de letramento na sociedade são diferentes da que se exige no âmbito escolar, segundo Kleiman (2005, p. 33) “as práticas de letramento fora da escola têm objetivos sociais relevantes para os participantes da situação. As práticas de letramento escolares visam ao desenvolvimento de habilidades e competências no aluno e isso pode, ou não, ser relevante para o estudante.” Isso quer dizer, que na sociedade o indivíduo usa a leitura para atender a uma demanda, com uma finalidade, já nas práticas de letramento utilizadas na escola, a leitura tem uma finalidade escolar, não social, o que torna essas práticas muitas das vezes irrelevantes para o aluno.

Segundo Soares (2018) a aprendizagem inicial da língua escrita engloba as facetas da alfabetização e letramento, primeiro aprender a ler e escrever, segundo fazer uso no cotidiano, não tomaria a parte pelo toda a questão de estigmatizar um método pela divulgação do fracasso como aconteceu na ruptura de paradigmas é uma hipótese discriminatória, porque um método não é o todo, mas parte essencial que constitui o todo, desta forma articular a análise das facetas, integrando suas funções primordiais na garantia do acesso à criança ao universo da leitura e escrita.

Neste sentido, a formação do professor/a é fundamental, pois ele tem o papel de mediador na construção do conhecimento. A formação do professor/a alfabetizador/a deve obter uma gama de saberes relacionados à alfabetização e letramento que, envolve aspectos linguísticos, fonológicos, psicológicos e sociolinguísticos, desta maneira entenderá qual é o processo da criança na entrada no mundo da escrita, também metodizar e sistematizar a aprendizagem da cultura escrita, neste sentido é necessário que os educadores sejam bem formados para acompanhar o processo de aquisição da língua escrita pela criança, muito se tem debatido a questão do método mais adequado, porém não existe uma fórmula, ou seja, uma receita, porque as crianças são heterogêneas.



O papel político do educador é diagnosticar na sua ação educativa a leitura e escrita como direito inalienável as crianças de camadas populares ou não, outra visão é do profissionalismo, deixando uma postura ingênua, nesta abordagem possuir um caráter de investigador, refletindo e agindo, tomando consciência do ator político, social, cultural que desempenha no âmbito da educação.

Diante dos estudos de Albuquerque (2007), Kleiman (2005) e Soares (2003), (2018), destaca-se a importância de práticas escolares que exercem a busca numa atividade educativa pautada no elo entre alfabetização e letramento.

Portanto, verifica-se que, a alfabetização e o letramento são processos indissociáveis, devendo ser ensinados simultaneamente, pois, a entrada do indivíduo no mundo da leitura e da escrita deve acontecer tanto pela aquisição do sistema convencional de escrita, como também pelo desenvolvimento de capacidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, diretamente ligadas às práticas sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que a alfabetização e o letramento deve ocorrer concomitantemente, pois, alfabetizar na perspectiva do letramento, propicia que o indivíduo entre em contato com os mais variados usos da leitura e da escrita, fazendo com que eles consigam entender por que e para que se usa a leitura e a escrita.

Conforme Soares (2003, p. 38) “aprender a ler e a escrever e, além disso, fazer uso da leitura e da escrita transformam o indivíduo, levam o indivíduo a um outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros”.

Assim, podemos refletir que, mesmo a alfabetização e o letramento possuindo sentidos diferentes, a sua interação fornece subsídios no fortalecimento da aprendizagem inicial da língua escrita, em que a criança se torna capaz de progredir na aquisição do domínio da língua escrita, desta maneira a função da alfabetização, não se restringirá, apenas a transformar os sons da fala em grafemas, mas exercer o papel dos usos sociais e culturais da escrita, como corrobora o letramento.



Em suma, para se trabalhar a alfabetização no ponto de vista do letramento, é necessário criar situações reais presentes no cotidiano do indivíduo, substituindo assim, as cartilhas, ou seja, deixar de lado as práticas tradicionais, por práticas que estejam presentes na vivência do aluno.

Portanto, um dos grandes desafios do educador é conseguir articular no seu trabalho pedagógico as práticas escolares de uso da língua escrita às práticas sociais que, fomentam a percepção da linguagem escrita voltada a um processo de maturação do entendimento dos vários gêneros textuais, verbais e não verbais que, circulam no meio social, isto quer dizer, tornar o educando ativo no descobrimento das várias facetas que se atribui a sua participação interativa na interligação texto/contexto, isso denota características essenciais para possibilitar o alfabetizar letrando.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Conceituando alfabetização e letramento. In: SANTOS, C.F.; MENDONÇA, M. (Org). **Alfabetização e Letramento: Conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. P. 11-22
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- KLEIMAN, Angela. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Campinas: CEFIEL/UNICAMP, 2005. (Coleção Linguagem e Letramento em foco).
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2018.